

A QUESTÃO AMBIENTAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

Prof. Dr. Nilo Agostini

Texto publicado em *Evangelização: contribuição franciscana*.
Petrópolis: FFB/Vozes, 2000, p.138-156

Queremos, aqui, aludir à capacidade que o indivíduo tem de reagir, passando da posição subalterna e passiva para ativo. Isto se dá à medida que ele vai compreendendo as condições concretas que interagem em sua vida. A questão ambiental é hoje paradigmática desta dupla face do ser humano, ora passivo e à mercê de processos até destrutivos, ora ativo, sujeito e desejoso de redirecionar a marcha em curso, com uma participação que seja responsável e respeitosa.

É certo que “as situações sociais em que se inserem os indivíduos e as coletividades são fundamentais no processo de elaboração ou desenvolvimento de sua consciência social”¹. Esta consciência inclui hoje não só o processo social, ou seja o padrão de relações entre os seres humanos, bem como inclui a forma com que a população utiliza os recursos da terra. Esta simbiose significa que tomamos consciência das interconexões entre nós mesmos e a natureza. Sua vulnerabilidade é nossa vulnerabilidade. Com isso, incorporamos o marco ecológico em nossa agenda, chegando a falar num sistema ecossocial, ou seja, que inclui sistemas naturais e sistemas humanos.

Vivemos um período que podemos nomear de “transição ecológica”, o que representa “uma absorção crescente do meio ambiente físico no mundo das ações e cognições humanas, quer dizer, na cultura”². Essa transição é englobante e também repercute em termos tecnológicos, sociológicos, filosóficos, econômicos, políticos e até espirituais. Chegamos a falar, então, de uma agenda global que seja ecoambiental, ecopolítica etc. Isto implica incorporar o ecológico em nossa tomada de decisões econômicas e políticas. Implica também questionar o atual endeusamento da ciência e da técnica, ante a degradação cada vez maior do ambiente. Implica abrir-nos a novas propostas, especialmente as que contemplam a interação ser humano/natureza, e resgatar outras já vividas e que continuam a irradiar muita luz como a de São Francisco de Assis.

2.1. A situação ambiental numa leitura ecossocial: alguns exemplos

¹ Cf. IANNI, O., *A política mudou de lugar*, em: DAWBOR, L., IANNI, O., RESENDE, P.-E. A., *Desafios da globalização*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1998, p. 21.

² Cf. GUIMARÃES, R. P., *A assimetria dos interesses compartilhados - América Latina e a agenda global do meio ambiente*, em: LEIS, H. R. (org.), *Ecologia e política mundial*, Petrópolis/Rio de Janeiro, Ed. Vozes/FASE/AIRI/PUC-Rio, 1991, p. 102.

Em nossos dias, conseguimos captar com clareza e evidência sinais de fadiga e vulnerabilidade que nos vêm da própria natureza, bem como o seu nexos com a crise social. Não nos faltam relatórios que busquem descrever a situação em que nos encontramos³. As descrições são preocupantes. Vejamos algumas delas:

- Na segunda metade do século XX, foram perdidas por volta de uma quinta parte da superfície cultivável bem como a quinta parte de todas as florestas tropicais.
- O húmus está desaparecendo na proporção de 25 bilhões de toneladas/ano, por causa da erosão, desertificação, salinização e de outros processos de degradação do solo.
- As florestas estão desaparecendo na proporção de 20 milhões de hectares/ano.
- A disponibilidade de água está se tornando um dos problemas mais sérios e angustiantes do planeta.
- A destruição da fauna acompanha a das florestas com cifras que apontam para a extinção de 15 a 20% do total de espécies existentes no planeta até o final do segundo milênio.
- Chuvas ácidas, aquecimento da atmosfera, destruição da camada de ozônio e o desflorestamento/desertificação são problemas que já fazem parte de uma preocupação global.

Neste déficit ambiental, a América Latina e o Caribe têm contribuído em grande escala, já que neste continente situam-se 23% das florestas do planeta, 56,9% das florestas tropicais densas e uma diversidade de ecossistemas, desde desertos e semidesertos até as maiores florestas tropicais do mundo. Aí vivem cerca de 20% do total das espécies animais do planeta. As florestas subtropicais (o Chaco, por exemplo) e as florestas meridionais (das encostas andinas do Chile e da Argentina, por exemplo) estão na mesma situação de ameaça e déficit.

A rica biodiversidade latino-americana e caribenha tem uma importância mundial, já que 36% da produção mundial de alimentos têm sua origem neste continente. As espécies vegetais com substâncias úteis à farmacêutica são contadas aos milhares, grande número delas ainda não estudadas. Isto faz com que os recursos naturais sejam utilizados num ritmo altíssimo com a conseqüente delapidação das florestas. Extração de madeira, extensas criações de gado, uso de agrotóxicos, represamentos de rios, grande número de queimadas são alguns exemplos que vão engolindo nossas florestas e sua biodiversidade.

³ Desde 1984, o Worldwatch Institute, dos Estados Unidos, publica anualmente um Informe do Worldwatch Institute sobre o Progresso para uma Sociedade Sustentável, com edições em alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, inglês, japonês, português e russo. Igualmente, veja-se hoje o grande número de ONGs, espalhadas por todo o mundo, que tem uma preocupação similar.

Este déficit ambiental revela, na verdade, uma conexão que interliga o ecológico ao social, econômico, político e cultural. Atinge o ético, numa crise entrelaçada⁴. O crescimento desordenado das cidades, a pobreza que se espalha pelo Terceiro Mundo, a poluição fruto do nosso ‘progresso’ e as incoerências do atual padrão de vida humana são aí alguns exemplos gritantes. Enfim, o maior desafio torna-se o da qualidade de vida.

A qualidade de vida é ainda uma meta muito distante para parcelas crescentes da população latino-americana e caribenha, senão da própria humanidade, que vivem em situação de extrema pobreza. Nossas sociedades de consumo, com os modelos de desenvolvimento aqui implantados, levaram-nos a patamares deteriorados de vida. O conceito de “qualidade de vida” equipara-se ao de “desenvolvimento humano” da ONU. Segundo do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), a qualidade de vida requer, por exemplo, acesso a condições mínimas de saúde, de moradia, de alimentação, de trabalho, de educação, condições concretas de vida ainda muito distantes da maioria dos latino-americanos e caribenhos⁵.

Estamos diante de uma lógica moderna de rentabilidade imediata cujo resultado são o desmatamento especulativo, violação dos ritmos lentos da natureza e de sua capacidade de autodepuração e de auto-reprodução. Esta mesma lógica asfixia as nações do Terceiro Mundo com encargos insuportáveis para suas dívidas, forçadas à exportação crescente, com um câmbio desigual, num ajuste ao FMI. Dependentes, estas nações vêem crescerem a miséria (que é também psicológica, cultural e moral), o desemprego, a má nutrição, a mortalidade infantil, enfim, o abandono da pessoa humana. Mesmo assim são forçadas a entrar no mercado mundial, pagando um custo social devastador.

As cidades, hoje superdimensionadas, megalópoles monstruosas, revelam-se desestruturadas e despedaçadas. O ser humano descobre-se mal urbanizado, forasteiro na cidade, um “urbanóide”. A vida agitada, estressante, com níveis altos de poluição do ar, defeitos crônicos de transportes, problemas de esgoto e recolhimento de lixo, água potável cada vez mais rara, desníveis gritantes de vida fazem da cidade um lugar de derrota para a modernidade e um pesadelo para o ser humano.

“As incoerências da modernidade, seus lugares de desatino, não são simples disfunções as quais seria suficiente remediar com uma melhor gestão do progresso técnico e do crescimento econômico. Brotam da própria lógica do sistema. Um objetivo técnico-econômico é muito bem projetado, mas absolutamente não está articulado com seu contexto social e humano, e nem pode sê-lo, visto que técnica e economia são presumidas para se sustentar a si mesmas e impor suas leis”⁶.

⁴ Cf. GUDYNAS, E., “Ética, Ambiente e Ecologia - Uma crise entrelaçada”, *REB*, Petrópolis, vol. 52, fasc. 205, março de 1992, p. 64-74. Cf. BOFF, L., *Ética da Vida*, Brasília, Letraviva, 1999.

⁵ Cf. o fascículo da *Revista Novamerica* todo dedicada à “Qualidade de vida: um desafio”, nº 79, setembro de 1998.

⁶ CHESNEAUX, J., *Modernidade-Mundo*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1995, p. 172.

“Tal desordem social e tal desastre ecológico são, ao mesmo tempo, uma gigantesca ‘bomba-relógio’...”⁷, levando ao cultivo da ‘evasão’, das ‘fugas’ para outros lugares (praias, campos, shoppings, lojas de conveniências, jogos, viagens e emoções virtuais ou mesmo o narcisismo, até chegar à violência, às drogas, aos fundamentalismos variados e aos fanatismos cegos). Até quando a própria natureza aceitará docilmente mais mobilidade, mais flexibilidade, numa artificialização e virtualização crescentes da vida?

2.2. O movimento ambientalista latino-americano e caribenho

Diante da situação existente e por ela alertado, quando não pressionado, o homem e a mulher latino-americanos e caribenhos buscam superar uma atitude apenas passiva e mimética. Há setores importantes da sociedade que assumem uma posição construtiva, crítica e de discernimento, buscando uma ação responsável, à medida que se situam convenientemente ante o momento presente. O movimento ambientalista latino-americano e caribenho é um destes exemplos, mesmo que sejamos levados a fazer algumas distinções internas.

Fazem parte deste movimento ambientalista agrupamentos de cidadãos preocupados com os graves problemas ambientais. Assumimos aqui um sentido amplo que abarca o *meio ambiente* enquanto preocupação primária (de interesse imediato e prioritário) ou enquanto preocupação secundária (por associação a outra que é primária, por exemplo, direitos humanos e ambiente, sindicalização e ambiente etc)⁸. Os grandes valores que este movimento invoca tem um conteúdo universal: “harmonia do ser humano com a Natureza, valorizações diversas dos ecossistemas e da vida, e solidariedade com o que nos rodeia”⁹. Há uma preocupação ética e um apego estético que progressivamente foi abarcando a natureza toda, seres animados e inanimados, traduzido mais recentemente em termos de “ética do humano – compaixão pela terra”¹⁰.

Desta forma, o termo ecologia indica a “interdependência e a interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos)”¹¹. A partir daí, este termo foi alargando cada vez mais o seu campo e suas atribuições até chegar a exprimir a necessária relação e dialogação entre os seres vivos e não-vivos, num enlace entre todos os seres naturais e culturais, numa rede de interdependências que tudo conecta. Conseqüentemente, a ecologia exige uma visão de totalidade, na medida em que tudo está ligado com tudo, numa interdependência orgânica e não simples soma de partes.

⁷ *Ibidem*, p. 162.

⁸ Cf. GUDYNAS, E., “O Movimento Ambientalista Latino-americano - Múltiplas sementes de mudança”, *REB*, vol. 52, fasc. 205, março de 1992, p. 45-63. Cf. OFFE, C., *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*, Madrid, Sistema, 1988.

⁹ GUDYNAS, E., *op. cit.*, p. 46-47.

¹⁰ Cf. BOFF, L., *Saber cuidar - Ética do humano – compaixão pela terra*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999; cf., também, PELIZZOLI, M. L., *A emergência do paradigma ecológico - reflexões ético-filosóficas para o século XXI*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

¹¹ HAECKEL, E., citado por BOFF, L., *Ecologia, mundialização e espiritualidade - A emergência de um novo paradigma*, São Paulo, Ed. Ática, 1993, p. 17.

O movimento ambientalista latino-americano e caribenho foi assumindo os conteúdos acima, porém a diversidade de atores e relações estabelecidas leva-nos a distinguir duas grandes tendências: os administradores ambientais e os contra-hegemônicos¹². Os primeiros privilegiam as soluções técnicas, sem questionar a ideologia de fundo ou o estilo de desenvolvimento¹³, enquanto que os do segundo grupo captam, analisam e criticam o sistema que comanda o atual desenvolvimento, preocupados com a qualidade do ambiente e respectiva sustentabilidade ecológica e social¹⁴. Os ‘contra-hegemônicos’ vêm todo um conjunto de relações entre os diversos problemas sociais e entre estes e os problemas ambientais; por isso, apontam para mudanças profundas na sociedade, lastreados numa reflexão ética, num diálogo com os mais diferentes grupos e atores, bem como em projetos utópicos.

Após dar os primeiros passos, o movimento ambiental foi atraindo novos atores. De um lado, vemos assumir a perspectiva ambientalista organizações femininas, de educação popular, religiosas (ligadas à teologia da libertação), camponesas, indígenas, pacifistas e militantes de direitos humanos¹⁵. Este avanço não deixou de trazer tensões entre as duas tendências¹⁶, o que não dificultou que novas organizações fossem se integrando e se alinhando¹⁷.

O movimento ambientalista não adere a nenhum partido político; quando isto acontece, trata-se de opções pessoais ou de alinhamento e aproximação de algum grupo específico¹⁸. De suas práticas, sublinha-se a força dada aos setores populares, com ênfase na

¹² Cf. GUDYNAS, E., *op. cit.*, p. 50.

¹³ Este grupo, que prioriza a discussão técnica, consegue, por exemplo, discutir como diminuir as emissões de gases tóxicos pelas indústrias, porém não discute seu papel social. Nele podemos enumerar, num primeiro momento, organizações conservacionistas como a Fundação Vida Silvestre, da Argentina, a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, do Brasil, Bioma, da Venezuela, as filiais latino-americanas da Nature Conservancy, USA, etc. Cf. *ibidem*, p. 50.

¹⁴ Entre os deste grupo, encontramos, inicialmente, a União Protetora do Ambiente Natural, no Brasil, a Fundação para a Comunicação Popular, na Colômbia, o Instituto de Desenvolvimento e Meio ambiente, no Peru, o Habitat, na República Dominicana, algumas organizações ligadas ao RENACE, no Chile e na Argentina. Cf. *ibidem*, p. 51.

¹⁵ Entre estes podemos enumerar: a Rede Latino-Americana de Ecoteologia, os Encontros Latino-Americanos de Cultura, Ética e Religião frente o Desafio Ecológico, a criação da rede de ecologia e educação no marco do Conselho de Educação de Adultos da América Latina, o grupo de trabalho em ecologia do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), o ingresso de artistas (Grupo dos Cem, no México, liderado pelo poeta Homero Aridjis), a Coordenadoria das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, com entedidades no Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Brasil. Cf. *ibidem*, p. 51-52.

¹⁶ Um exemplo disto é o do México onde existe a Federação Conservacionista Mexicana (administradores ambientais) e o Pacto de Grupos Ecologistas (contra-hegemônicos). Cf. *ibidem*, p. 52.

¹⁷ Por exemplo, o IBASE, no Brasil, a Fundação Mediterrânea, na Argentina. Podemos também enumerar a Comissão de Desenvolvimento e Meio Ambiente da América Latina e o Caribe, convocada pelo BID e pelo PNUD, formada por ex-governantes ou funcionários públicos. Cf. *ibidem*, p. 52.

¹⁸ Podemos citar aqui vários ambientalistas que se filiam aos “partidos verdes”; há os que invocam idéias e práticas anarquistas; a classe política em geral toca apenas superficialmente esta temática, quando não soçobra pura e simplesmente nas políticas neo-liberais. Os Governos em geral têm nos “administradores ambientais” seus interlocutores preferidos; as relações com os “contra-hegemônicos” são mais conflitivas, reduzindo o seu

participação, fomentando assim uma cultura democrática. O grande êxito é o de estender progressivamente a toda a população a preocupação ambiental, numa crescente consciência pública em prol da proteção da biodiversidade e em favor de uma visão ampliada da qualidade de vida, unindo meio ambiente e meio social.

2.3. *Reconversão e ressarcimento sócio-ecológico*

Cresce, desde o início dos anos 90, última década do século XX, a proposta de uma ecologia social. Ela é definida como “o estudo dos sistemas humanos com seus sistemas ambientais. Reconhece que os problemas ambientais são inseparáveis dos problemas sociais. Concebe o ambiente como um sistema integral que inclui componentes sociais, naturais e construídos. A ecologia social aponta, a partir da ética, para a reconstrução do compromisso com a vida, tanto na atividade científica como na atividade cotidiana”¹⁹.

Com isso, a ecologia social leva-nos a captar a conexão entre os sistemas humanos e sociais numa defesa da vida presente e futura. A vida ameaçada tem a preferência. Estamos ancorados numa ética sócio-ambiental que nos orienta na direção da construção de um modelo global socialmente justo e ecologicamente sadio. Esta ética desmascara a atual cultura dominante, que foi globalizada a partir do Norte, sobretudo ocidental, pela sua exploração e violência para com os povos e para com a natureza. Ela se impôs durante séculos de colonialismo e imperialismo, criando uma crise que hoje é civilizatória, com desigualdades sociais monstruosas e dívidas internas e externas que comprometem a qualidade de vida tanto social quanto ecológica.

“Até agora predominou a lógica do proveito, do lucro, do crescimento quantitativo ilimitado, da posse, da violência e do domínio, do saque e do consumismo”²⁰. Esta lógica domina fortemente a mentalidade presente em nossa vida cotidiana. Urge, portanto, uma reconversão sócio-ecológica em vista de ressarcimento histórico em favor dos povos e da natureza. “Este ressarcimento deve ser entendido como restituição dos imensos recursos naturais e humanos e das enormes riquezas materiais roubadas, e como pagamento dos danos sociais, humanos e ambientais produzidos no curso dos séculos pelo modelo de desenvolvimento imposto pelo Norte”²¹.

Este ressarcimento começa por uma reconversão pessoal e social. Requer uma mudança das estruturas sociais e políticas que regem as relações entre os povos e com a natureza. Isto torna-se sobretudo urgente pela consciência que temos das desigualdades Norte-Sul, entre ricos e pobres, que faz com que o Norte (um quarto da população mundial)

poder de negociação com o Estado, haja vista a sua crítica à legitimidade do Estado e de sua política pró-mercado que fomenta o empobrecimento de nosso povo. Cf. *ibidem*, p. 55-56.

¹⁹ EVIA, G., GUDYNAS, E., PÉREZ-MILES, F., “Marco referencial de la Red Latino-americana de ecología social”, *Teko-ha*, Boletim da Rede latino-americana de ecologia social, Montevideu, n. 3, abril de 1990, p. 3-5.

²⁰ REGIDOR, J. R., “Ressarcir os Povos e a Natureza. Em busca de uma reconversão sócio-ecológica da sociedade”, *REB*, vol 52, fasc. 205, março de 1992, p. 33.

²¹ *Ibidem*.

esteja consumindo três quartos da riqueza mundial e o Sul (três quartos da população mundial) deva se contentar com um quarto da riqueza mundial. Esta drenagem de recursos, orientando o fluxo de capitais para o Norte, com a hegemonia do econômico-financeiro, joga na dependência os países do Sul, que se entregam, qual presa fácil, a um endividamento crescente; este já compromete de facto a independência destes países, pois tornou-se instrumento político de controle e de dependência. E, mais uma vez, este mecanismo só leva a aumentar o empobrecimento social e ecológico, em desigualdades que se reproduzem dentro dos mais diversos países²².

Esta reconversão pessoal e social também implica mudança da mentalidade que domina nossa vida cotidiana, como falamos acima. “Temos que passar para a lógica do reconhecimento e do respeito mútuo, da consciência do limite, da comunhão e da busca da justiça social e da justiça ecológica, para respeitar e promover a vida dos pobres da natureza, com o objetivo de construir uma sociedade na qual haja cada vez menos pobreza e cada vez mais vida”²³. Portanto, para ressarcir a natureza, restituindo-lhe a vida ameaçada ou destruída, precisamos mudar o nosso modo de relacionar-nos com ela. Parar de contaminar a biosfera, revitalizar os ecossistemas, mudar o modelo de desenvolvimento em curso, reconhecer a alteridade da natureza (com seu valor próprio, seus limites, suas leis de equilíbrio, sua linguagem e potencialidade) são alguns passos indispensáveis para ir abrindo o caminho de uma reconversão sócio-ecológica.

Duas dimensões tornam-se inseparáveis, a saber, a justiça social e a justiça ecológica. O princípio do lucro, do crescimento econômico ilimitado, numa atitude de domínio, de superioridade e de exclusão, enraizados no consumo e no desperdício levaram-nos ao aumento do empobrecimento de nossos povos e à destruição do ambiente. Cresce a consciência de que a natureza não é um objeto a ser explorado como um recurso que não se esgota. Os povos, por sua vez, não podem ser reduzidos a meros joquetes no xadrez de inescrupulosos dominadores, negando a sua dignidade. Conseqüentemente, deve estar no centro a vida, tanto dos seres humanos e de todos os demais seres vivos, bem como dos seres não-vivos, como parte de um mesmo grande ecossistema. Isto nos faz concluir que, a partir da ética sócio-ambiental, faz-se urgente incorporar efetivamente “o reconhecimento e o respeito recíproco do valor intrínseco e do papel de todos os seres do ecossistema”²⁴.

2.4. *A postura franciscana*

²² Cf. “Aumenta distância entre países ricos e pobres. Relatório da ONU afirma que a liberalização econômica só trouxe bons resultados para as economias desenvolvidas”. *Jornal Zero Hora*, 21/09/1999 (<http://www.zh.com.br/editoria/economia/pagina7.htm>); FIORI, J. L. (org.), *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999; BORON, A. A., *Os “novos Leviatãs” e a pólis democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina*, em: BORON, Atilio A. (et al.). *Pós-Neoliberalismo II. Que Estado para que democracia?*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999, p. 7-67.

²³ REGIDOR, J. R., *op. cit.*, p. 33.

²⁴ *Ibidem*, p. 41.

O movimento ambientalista nos convoca a pararmos com a destruição do ambiente, numa reconversão que implica ressarcimento natural e humano, unindo meio ambiente e meio social. Precisamos parar com esta atitude predatória e de destruição da natureza; caso contrário, nós nos destruiremos enquanto humanidade. Esta análise, realista e estratégica, mostra o impasse a que chegamos. Buscando saídas a este impasse, grupos diversos se arregimentam, sínteses novas são tentadas. No ancoradouro da própria modernidade e/ou num quadro de pós-modernidade, vemos surgir ensaios quer holísticos, quer éticos, quer espiritualistas. O momento é de intensa busca. Por onde andar? Que caminhos trilhar? Em meio a toda esta busca, encontramos uma luz no resgate da figura singular de Francisco de Assis, para quem o ponto de partida é todo próprio, desenvolvido com riqueza pela “escola franciscana”.

2.4.1. A figura singular de Francisco de Assis

O Santo de Assis alimentava-se de uma *evidência*, sob cujo lastro fundava toda a sua vida, assim expressa por São Boaventura: “Acostumado a voltar continuamente à Origem primeira de todas as coisas, concebeu por elas todas uma amizade extraordinária e chamava irmãos e irmãs as criaturas, mesmo as menores, pois sabia que elas e ele procediam do mesmo e único princípio”²⁵.

Em Francisco de Assis somos reenviados a uma inesperada radicalidade, sendo o seu ponto de partida diverso daquele que os ensaios modernos buscam apresentar. Para ele, importa respeitar todos os seres, pois foram todos criados por Deus; cada um, a seu modo, canta a glória do Criador. O horizonte é de respeito de todas as criaturas, nas quais está inscrita a bondade e a beleza do próprio Deus²⁶. O respeito e a admiração transformam-se em contemplação de uma criação como revelação de Deus.

São Francisco de Assis soube orientar a criatura na direção da vida divina, captando-a em seu devido lugar. É do Criador que lhe vem a *influência* contínua que a faz gratuitamente existir, durar, progredir e alcançar seu fim, sem excluir a cooperação por parte da criatura. A criatura sente-se *dom* de Deus; recebe os demais como *dons* gratuitos. Descobre-se criada porque *amada e querida* por Deus.

Nós seres humanos somos, portanto, também *criaturas* de Deus no ‘concerto’ de toda a criação. Todos os seres aí existentes são igualmente *dons* que apontam para o Bem Supremo que é Amor. Este primitivo enraizamento fez de Francisco de Assis uma figura singular pela relação fraterna que cultivou com todos os seres da criação. Entendemos, então, que ele leva as pessoas a ser instrumentos de paz, amor, perdão, união, verdade, fé, esperança, alegria, luz... Sabemos, igualmente, de seu respeito por todas as criaturas da

²⁵ SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior* 8,6, em: FONTES FRANCISCANAS, *Escritos e biografias de São Francisco de Assis - Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1988, p. 519.

²⁶ Cf. MATHIEU, L., *Approche franciscaine du mystère chrétien*, Paris, Les Éditions Franciscaines, 1998, p. 151-157.

natureza, tratando cada ser, cada animal com cortesia, no respeito de sua individualidade e de seu lugar próprio no concerto da criação. O Santo de Assis concretiza a tão sonhada *fraternidade universal*. É a maneira como louva o próprio Criador.

“Todo o universo de São Francisco está cercado de infinita ternura e ‘de terníssimo afeto de devoção a todas as coisas’; ‘sentia-se arrastado para elas com um singular e entranhado amor’... Por isso o mundo franciscano é cheio de magia, de reverência e de respeito. Não é um universo morto e inanimado; as coisas não estão jogadas aí, ao alcance da mão possesadora do homem ou justapostas uma ao lado da outra”²⁷.

A natureza, o ser humano e Deus estão, em Francisco, interligados em alto grau de simpatia e cordialidade, o que faz do Santo de Assis alguém capaz de colocar-se *no meio* das criatura todas, nunca *sobre* elas ou *acima* delas. Esta capacidade vinculativa leva a acentuar a semelhança e a relação entre as criaturas e o Criador. Para Francisco de Assis, o mundo inteiro é como um Livro; nele está impressa a Trindade criadora numa *semelhança expressiva*; por isso, a criação toda apresenta-se-nos em forma de “caracteres legíveis”. Em cada ser humano, em cada criatura é possível captar o vestígio de Deus, sua presença. Os seres humanos e a natureza toda fazem-se, portanto, ressonância de algo profundo que a todos pervade e abraça; basta silenciar um pouco e colocar-se à escuta, para captar a harmonia cósmica, para descobrir, admirar, entusiasmar-se, contemplando as maravilhas do cosmos e do Criador.

Diante de presenças tão eloquentes, Francisco responde sempre com afeição e reverência. Seu olhar torna-se amoroso. Sente, vive, admira... É capaz de *compaixão*. Esta compaixão foi inicialmente vivida para com os pobres; tornou-se logo a pedra de toque, o ponto de partida para que ele pudesse galgar os mais reverentes gestos de afeição para com todas as criaturas. Entendemos, então, que, certa vez, Francisco foi o mediador ideal entre um lobo feroz, devorador de animais e homens, e a população de Gúbio, que não saía de casa por medo de tão terrível animal; sem excluir nenhuma das partes, ele as solicita para a paz, o que implica num reconhecimento mútuo, passando pela salvaguarda do direito básico à vida de ambas as partes.

2.4.2. A contribuição da escola franciscana

O modo próprio de ser que traduz a figura singular de Francisco de Assis foi, ao longo dos séculos, semente fecunda no chão fértil da “escola franciscana”, cujo pensamento desenvolveu-se sobremaneira na Idade Média,²⁸ mesmo que em nossos dias encontrem intérpretes e estudiosos perspicazes. A figura singular do *poverello* de Assis foi captada, com

²⁷ BOFF, L., “A não-modernidade de São Francisco: A atualidade do modo de ser de S. Francisco face ao problema ecológico”, *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 69, n. 5, p. 337s.

²⁸ Cf. MERINO, J. A., *Storia della Filosofia Francesana*, Milano, Edizioni Biblioteca Francesana, 1993.

maestria inigualável, por São Boaventura e Duns Scotus²⁹. Outros, não poucos, também participaram do desenvolvimento do pensamento franciscano, dotando-nos de uma riqueza inestimável, herança em cujo caminho queremos iluminar a humanidade de hoje, desbravando, sempre que necessário, novos horizontes.

Para o desafio ambiental, encontramos em São Boaventura o opúsculo *Reductio artium ad theologiam*; nele temos um questionamento ontológico, epistemológico e ético, obrigatório para a abordagem da crise ambiental³⁰. O texto, de fundo teológico e filosófico, é todo conduzido na procura da unidade - de Deus, do mundo, do ser humano, das ciências - sem recusar uma diversidade existente de fato. O que o Doutor Seráfico recusa é a autonomia 'avulsa'. No caso dos saberes, o problema está na falta de comunicação entre eles ou no seu fechamento à transcendência. No caso dos seres, cada um deles é solicitado a viver e promover, nunca reduzir, a si e a vida dos outros. Isto implica na aceitação de uma unidade diferenciada. Mesmo que cada ser não possa ser reduzido a outrem, há, por outro lado, uma unidade de semelhança que atravessa toda a realidade, numa semelhança expressiva da própria Trindade.

A partir desta explicitação, podemos afirmar que há uma relação constitutiva entre o ser humano e o 'mundo'. Aí não há fuga, nem negação da realidade existente, como se uma versão dualista determinasse esta relação. Na visão franciscano-bonaventuriana, toda a realidade é prenhe de sentido e de luz. A relação recíproca entre os seres e, em especial, a atividade humana pode intensificar este sentido e esta luz, à medida que o conhecimento os capta em suas características ontológicas, desvendando a união do ser humano com a realidade. Emerge, nesta busca, a norma de viver, bem como a instância onde se enraíza a própria ética. Neste itinerário, a ciência contribui apontando para a beleza da obra; é capaz de fazê-lo numa multiplicidade de formas, pois o conhecimento pode ser mecânico (capta a "luz exterior"), sensitivo (capta a "luz inferior"), filosófico (capta a "luz interior") e, a partir deste, ético, bem como pode ser oriundo da Sagrada Escritura (capta a "luz superior")³¹.

A partir desta percepção, o olhar franciscano não é pessimista, nem sequer ante a atividade da razão, nem mesmo ante o lugar das técnicas, pois remete toda a atividade a um encontro de radical bondade ontológica. Este encontro funda-se sempre numa "reconciliação total com toda a realidade ontologicamente sempre positiva e, por isso, experimentada em convívio fraterno"³². Existe aí um olhar contemplativo, capaz de englobar o valor estético da natureza toda, bem como de toda obra realizada, unindo-as ao poético, ao intelectual, ao sensitivo e ao simbólico-participativo. Entendemos, então, que São Boaventura afirme que

²⁹ Cf. SÃO BOAVENTURA, *Comentário aos quatro livros das Sentenças de Pedro Lombardo* (1253-1257), Quaracchi, Edizione minore, 1934-1964; IDEM, *Hexaameron* (1273), Edizioni di Quaracchi, 1882-1902; IDEM, *Itinerarium mentis in Deum* (1259), Edizioni di Quaracchi, 1882-1902; cf. DUNS SCOTUS, *Opus Oxoniense ou Ordinatio*, Roma, Ed. Vaticana, volumes I a VII, 1950-1982.

³⁰ Cf. SÃO BOAVENTURA, *Redução das Ciências à Teologia*, Coimbra, Ed. Atlântida, 1948.

³¹ *Ibidem*, nº 1.

³² GONÇALVES, J., C., *A responsabilidade ambiental - Uma leitura medieval pragmática: 'Redução das Ciências à Teologia' de São Boaventura*, em: DE BONI, L. A. (org.), *Idade Média: Ética e Política*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996, p. 200, nota 21.

“o olho não se farta de ver, nem o ouvido se enche de escutar”³³, ao querer apontar para o valor estético de toda a ‘obra’ realizada, para a qual toda atividade, mesmo a técnica (mecânica), está direcionada a “proclamar a verdadeira sabedoria”³⁴.

Um perigo começa a existir quando qualquer um dos elementos acima isola-se e, entregue a si próprio, erige-se como absoluto. É o que acontece com a razão técnico-científica em nossos dias quando é destituída da relação constitutiva com os seres; ela acaba por perder a orientação de sua ação, deixando de difundir-se na justiça e na generosidade. Há uma dissolução da referência à natureza e ao semelhante. Fabricam-se, então, mediações e realidades artificiais, manipulando as ciências e as técnicas. No entanto, o problema não está nas ciências e nas técnicas em si, mas na humanidade ou em quem assim as orienta.

Outro deslize comprometedor é a dissolução da referência à natureza. Esta passa a ser vitimada e logo reduzida a uma universalidade abstrata, a um objeto qualquer, manipulável, ao sabor dos interesses humanos. Instauram-se os desmandos de uma pretendida liberdade que resvala numa intromissão que excede os limites suportáveis da natureza. Agora destrocada, deslindada, reduzida, a natureza dá sinais sôfregos ante um processo de destruição que se agiganta.

Cria-se uma situação de dramática premência, urgindo o retorno do referencial ético, seja para prescrever limites à ação da humanidade, seja para salvar o que resta. O regresso aos imperativos éticos faz-se em meio à consciência de que é “a humanidade... que diretamente destrói, seja mediante o poder técnico de que dispõe, seja por exercer incorretamente a sua função no universo”³⁵. Este retorno à ética da responsabilidade pode parecer um grande logro da humanidade atual. Porém, revela-se “decorrente da angústia perante um universo em vias de se tornar aberrante”³⁶.

Por isso, franciscanamente preferimos falar numa ‘fidelidade dinâmica’ que orienta o ser humano como parte do universo, sem a ele reduzir-se e sem sobre ele impor-se ou investir-se para dominá-lo. Esta ‘fidelidade dinâmica’ representa uma relação de amor generoso, justo, bom e verdadeiro, pois alicerçado na semelhança expressiva e ontológica que a todos os seres perpassa, mesmo que resguardada a diferenciação entre os seres que os tornam irredutíveis uns aos outros. Esta unidade diferenciada, unidade de semelhança, atravessa toda a realidade, nos convocando a uma ‘fidelidade confiante’ na ‘luz’ e na capacidade/potencialidade de todos os seres.

Instaura-se uma ação recíproca dos diversos entes que “é relação de amor generoso de ontológica semelhança; de tal modo os riscos de domínio se encontram esbatidos que o ser humano pode comprazer-se na relação com os outros seres, designadamente com os

³³ Cf. SÃO BOAVENTURA, *op. cit.*, nº 10.

³⁴ Cf. *ibidem*, nº 14.

³⁵ Cf. GONÇALVES, J. C., *op. cit.*, p. 188.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 205.

sensíveis e com as obras produzidas pelo seu engenho; a matéria não é obstáculo ao exercício do espírito, inclusive ao conhecimento, pois ela é ser, semelhante a todos os outros seres; se não há conflito entre humanidade/universo, menos ainda o haverá entre mundo/Deus, transparecendo a realidade divina em toda a ação do mundo; a moral, a retidão, não é um dever ser construído e imposto extrínseca e artificialmente à natureza, mas, sim, a expressão da orientação correta de toda a atividade, tanto mais visível quanto mais se desenvolve; confiança e não pavor, trespassa a vida do universo, tanto a do movimento da natureza como a do fazer das artes mecânicas, que gerarão sempre luz e sentido, desde que constituam ação, e não paixão disfarçada; a realidade é para desenvolver, não para domesticar, mas, nesse processo de manifestação, o critério orientador não será o dos interesses humanos e, sim, o da capacidade das próprias virtualidades do real, até o infinito”³⁷. Tudo isso não aponta para um regresso, mas para uma dinâmica de desenvolvimento, para o novo, para o múltiplo, para a irrecusável construção do mundo, tarefa constitutiva do ser humano, parceiro de Deus.

Entendemos, então, que o Professor de história da filosofia moderna Frei José Antonio Merino, OFM, busque traçar com clareza o distinto do itinerário franciscano face à modernidade ao afirmar:

“Não é fácil para o homem moderno, com mentalidade científico-tecnológica, compreender em sua verdadeira profundidade a relação franciscana com os seres irracionais, mormente com as realidades materiais. Vivemos numa sociedade que nos ensinou olhar e valorizar as coisas como simples objetos, comparando-os a utensílios que podem ser desmontados peça por peça para que seu segredo seja conhecido como uma mola mecânica. Com isto visa-se poder controlá-lo e colocá-lo à disposição de nosso projeto utilitarista. Nossa atitude diante das coisas da natureza e das realidades cósmicas está na linha do experimentar, conquistar e possuir incondicionalmente. Esta vontade de poder e de domínio dificilmente poderá compreender a atitude franciscana diante de toda a criação, baseada em sentimentos de simpatia, de admiração e de comunhão celebrativa. Sentimentos estes que excluem o princípio de dominação. A atitude franciscana de acolhimento desmascara a vontade de resistência e de posse. Ela personaliza os seres irracionais e as coisas e não oferece espaço para a instrumentação do criado”³⁸.

Observações conclusivas

Importa, em nossos dias, fazer o aprendizado da *relação*, não como um predicado, mas como *essencial*. A “escola franciscana” assume este dado “essencial” para enfatizar a simbiose de todos os seres da criação; aponta para o ser humano enquanto *ser relacionado*, orientado *de per si* para o mundo, o próximo e Deus. Podemos, assim, falar de uma *antropologia franciscana*, cujo “caráter é eminentemente dinâmico, posto que a

³⁷ *Ibidem*, p. 204.

³⁸ MERINO, J. A., *Humanismo franciscano e ecologia*, em: IDEM et al., *Franciscanismo e reverência pela criação*, Petrópolis, CEFEPAL/Ed. Vozes, 1991, p. 16.

receptividade do ser, e concretamente do ser humano, é um constitutivo essencial e determinante. Não devemos esquecer-nos de que a visão ontológica da escola franciscana está baseada na metafísica do amor, em que tudo é comunidade, referência e participação”³⁹.

A questão ambiental nos remete justamente para uma crise da *relação*, reveladora de uma crise profunda de toda a nossa civilização ocidental que “desnaturou” a natureza e “desumanizou” o ser humano. Há uma correlação entre a crise ecológica e a crise do ser humano. Uma aponta para a outra, na medida em que ambas remetem uma separação, um racha ou uma fissura entre a natureza e o ser humano. “Ligadas no seu princípio, elas não encontrarão a solução a não ser juntas. Qualquer terapêutica buscada para curar uma delas, deverá também contribuir para sanar a outra; caso contrário, tratar-se-á de uma pseudoterapia que cuida dos sintomas e não trata das causas. A doença consiste justamente na separação entre o ser humano e a natureza, no esquecimento de seu parentesco e solidariedade. Pelo fato do ser humano participar da natureza, ele peca contra ele mesmo ao pecar contra ela”⁴⁰.

A hora é de viver numa comunhão “ecocêntrica”, sentindo-nos parte de uma rede de relações. Trata-se aqui de uma rede multifacetária de relações unilaterais, recíprocas e múltiplas, pelas quais o próprio Criador faz-se presente na sua criação. “Nesta rede de relações, as palavras ‘criar’, ‘manter’, ‘preservar’ e ‘tornar pleno’ expressam as grandes relações *unilaterais*, mas ‘habitar’, ‘sofrer junto’, ‘participar’, ‘acompanhar’, ‘agüentar’, ‘alegrar-se’ e ‘glorificar’ são relações *recíprocas* que expressam uma comunhão cósmica de vida entre Deus, o Espírito e todas as suas criaturas”⁴¹.

Nada existe fora da relação, pois tudo implica em tudo. Podemos falar em um movimento articulado que interconecta todas as partes, um verdadeiro *holomovimento*. Isto dá-se num movimento de não linearidade. Com isso, queremos dizer que todas as partes fusionam-se num permanente movimento, numa relação que não se restringe à simples ‘causa-efeito’. Há uma teia simultânea de relações globais de caráter permanente, cuja estabilidade não depende da fixação de leis, mas da capacidade de adaptação e equilíbrio dinâmico⁴².

Para a “escola franciscana”, o modo peculiar de ver e de relacionar-se com o próprio Deus traduz-se num modo concreto e específico de ser, de estar no mundo e de tratar os seres da natureza e os próprios irmãos e irmãs. Não basta somente *estar-no-mundo*. Requer, antes e outrossim, um *co-estar*, um *co-existir* e um *compartilhar*, numa ontologia da comunhão, da participação e da confraternização universais⁴³. Sabemos como Francisco de Assis responde

³⁹ CAYOTA, M., *Semeando entre brumas - Utopia franciscana renascentista: uma alternativa para a conquista*, Petrópolis, CEFEPAL, 1992, p. 209.

⁴⁰ René SIMON, citado por SIEGWALT, G., *L'université, les sciences et la théologie - Un projet de dialogue interdisciplinaire*, em IDEM (dir), *La nature a-t-elle un sens? Civilisation technologique e conscience chrétienne devant l'inquiétude écologique*, Strasbourg, CERIT, 1980, p. 11.

⁴¹ MOLTSMANN, J., *Deus na criação: Doutrina ecológica da criação*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1993, p. 34.

⁴² Cf. BOFF, L., *Ecologia, mundialização e espiritualidade*, op. cit., p. 43.

⁴³ Cf. SÃO BOAVENTURA, *II Sent. D. 25, p. 2, a. 1, concl.*

com afeição e reverência. Seu olhar torna-se amoroso. Sente temperamentalmente. Vive afetivamente. É capaz de *compaixão*.